

TURISMO LITERÁRIO, TURISMO CULTURAL, TURISMO LINGUÍSTICO: POTENCIALIDADES DA LINGUAGEM

Marta Francisco de Oliveira

Resumo: Este trabalho busca abordar as possibilidades e potencialidades de práticas e/ou atividades voltadas ao turismo pelo viés da linguagem, ou seja, nas relações estabelecidas entre arte, cultura, memória, identidade e políticas linguísticas, sem desperceber suas implicações éticas e políticas. Assim, são considerados conceitos possíveis para turismo linguístico e turismo literário, a partir de propostas de organização de trabalhos, alicerçados no âmbito geral da cultura, do patrimônio cultural e da memória e história. Tendo como objetivo discutir tais conceitos e exemplificá-los a partir da ideia de monumento (material e imaterial) ou memorial cultural e simbólico, a metodologia utilizada contempla a pesquisa bibliográfica e a apresentação de uma proposta específica, ainda não levada a cabo, considerando sua viabilidade e antecipando possíveis repercussões. Também estabelece breves comparações entre propostas semelhantes e experiências que unem turismo e cultura linguística como vivências possíveis, promovendo o encontro pacífico e profícuo entre comunidades e modos de vida/saberes, valorizando conhecimentos diversos e sensibilidades de mundo. O marco teórico se estabelece a partir do viés do linguajamento, termo derivado da teorização descolonial que não hierarquiza modos de vida, mas os contempla e valoriza como formas de resistência e re-existência. Os resultados esperados implicam tanto o impulsionamento da leitura literária, ampliando a formação de leitores ansiada pelos cursos de Letras, como do turismo local e regional no estado do MS, abarcando outros públicos e expandindo suas possibilidades para aspectos nem sempre considerados à primeira vista.

Palavras-chave: Turismo literário; turismo linguístico; linguajamento; cultura.

INTRODUÇÃO

A partir da proposta apresentada na centralidade do turismo pelo viés da linguagem, com ênfase na literatura e na construção do imaginário possibilitado pelo literário, o objetivo deste artigo é abordar as possibilidades do turismo considerando as relações estabelecidas entre arte, cultura, memória, identidade e políticas linguísticas, seja por iniciativa pública ou por, eventualmente, iniciativa privada. No entanto, o que se sobressai é o caráter acadêmicos destas considerações, que surgem especificamente na relação entre os cursos de Letras e Turismo de uma universidade federal, a UFMS. Portanto, buscamos nos pautar pelas implicações éticas e políticas urgentes e necessárias para conduzir as reflexões a seguir, pois a escolha do recorte teórico é motivada por tais.

Há, sobretudo, uma preocupação acerca dos usos e práticas de linguagem no espaço de formação de profissionais na união dos cursos de Letras e Turismo. Se a linguagem é a base da comunicação, sendo capaz de produzir vínculos além da materialidade e da praticidade da vida cotidiana, e se constitui no objeto maior de estudos na área de Letras, as potencialidades da língua, nacional e estrangeira, se tornam não apenas atrativos, mas elementos essenciais para a formação de bons profissionais do turismo nos distintos territórios possíveis no Brasil, a partir de suas fronteiras ou dos

diversos grupos cultural e linguisticamente constituídos e estabelecidos nas cinco regiões do país. A princípio, o referencial utilizado nesta proposta é o estado de Mato Grosso do Sul, em virtude de sua localização e fronteiras com Bolívia e Paraguai, mas também considerando a existência de grupos indígenas e aldeias que, até certo ponto, preservam aspectos de suas línguas originárias.

Empregando como base inicial a compreensão sobre o turismo cultural segundo Margarida Barreto (1998, 2001) e Carlos Lima (2003), aliada aos estudos sobre memória, identidade e cultura segundo Hugo Achugar (2006) e à metodologia de estudo bibliográfico com apresentação de breves modelos como propostas possíveis, a intenção é desenvolver reflexões como um olhar crítico e teórico sobre a experiência da própria língua e sua cultura derivada, inclusive literária, que forma o imaginário cultural e dissemina visões e sensibilidades dos lugares a partir do olhar estético, trazendo à tona seu potencial turístico. Acercamos a abordagem à consideração do linguajamento como conceituação descolonial (Mignolo, 2017) a partir dos contatos linguísticos e seus desdobramentos. Nesse respeito, o potencial turístico se converte em relevante elemento de valorização e preservação de patrimônios materiais e imateriais, simbólicos, metafóricos e epistêmicos que se concretizam nos modos de vida, vivência e experiências compartilhadas.

Assim, o artigo apresentará o referencial teórico de base descolonial que direciona as reflexões como uma teorização possível que demarca vivências e sensibilidades linguísticas e literárias como experiências compartilhadas, reconhecendo seu viés de construção tanto como resistência e re-existência como a negação de uma lógica exploratória pautada em alocar vidas e modos de estruturação cultural no campo o exótico e/ou alheio a um ‘eu’ que se diferencia do ‘outro’. A partir desta demarcação crítica, a metodologia encaminhará as discussões e resultados esperados, sobretudo no que concerne à formação de profissionais do turismo em suas distintas vertentes, considerando as implicações teóricas e práticas esperadas a partir da opção descolonial, que preza, antes de tudo, por vidas.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

O primeiro aspecto a se considerar é a base de entendimento acerca do turismo literário. De modo amplo, o literário está abarcado pelo que se constitui como cultura, produção humana e destinação voltada não para a praticidade da vida cotidiana, mas para

a apreciação, quer pelo intelecto, quer pelos sentidos e sensibilidades. No campo do turismo, especificamente, conforme Margarida Barreto (1998, p. 21) é preciso diferenciar o que se define como turismo cultural: “no sentido mais amplo, seria aquele que não tem como atrativo principal um recurso natural”. Está relacionado ao fazer humano: “As coisas feitas pelo homem constituem a oferta cultural, portanto turismo cultural seria aquele que tem como objetivo conhecer os bens materiais e imateriais produzidos pelo homem” (Barreto, 1998, p. 21).

Também Carlos Lima (2003) fornece material interessante para pensar a relação cultura/turismo, o que também embasa considerações sobre a formação relevante para a concepção do turismo cultural, destacando valores fundamentais que se sobrepõem a uma lógica comercial, consumidora e geradora de renda em detrimento da sensibilidade humana e da interação que deve beneficiar a todos os envolvidos. Para ele,

a história do turismo sempre procurou uma certa legitimidade ao colocar a cultura como uma das suas finalidades, ideia hoje amplamente reforçada enquanto alternativa a trivialização da viagem, perante a perspectiva meramente consumista de outras formas de turismo. Trata-se, assim, de procurar ser original em tempos de massificação e de produtos industrializados - produtos brancos-, transformando a experiência turística enquanto expressão da pesquisa da autenticidade típica do homem moderno (Lima, 2003, p. 61)

Não se trata apenas de buscar uma originalidade dentre a massificação de produtos oferecidos como bens de consumo turístico, mas de compreender a dinâmica das relações entre pessoas que tornam as experiências produtivas e significativas, pois é disto que se trata: considerar modos de converter a experiência turística em vivência que nos compõe, que nos forma como seres humanos. Como marco referencial teórico basilar, pautamos este artigo pela opção descolonial preconizada por teóricos latino-americanos como Walter Mignolo (2003) a partir da leitura de Aníbal Quijano e seu conceito de colonialidade do poder, que abarca também a colonialidade do ser (questões de raça) e do saber.

Dentro deste último aspecto, estão alocados conhecimentos produzidos por uma racionalidade ocidental, um pensamento cartesiano a partir da máxima penso, logo existo, que separa o corpo – emoção – da razão, ao passo que também separou, na invenção da América, segundo Quijano, aquele que pensava/pensa e existia/existe segundo a lógica moderna, colonial, de poder racionalizante e civilizado daquele que, ao contrário, por não ser possuidor de tal modo de pensar e viver, era bárbaro, inculto, constituindo o ‘outro’. Foi esse modelo, segundo o crítico peruano, que (re)organizou o mundo dentro da lógica de

exploração de recursos e corpos para benefício de alguns, separando esse outro a ser explorado da noção interna de um eu detentor dos direitos de exploração. Sob esse olhar, grosso modo, o turismo, quer voltado para o natural, quer voltado para o cultural ou histórico se tornaria, via de regra, mais uma forma de apropriação de um bem ou recurso para, dentro de uma lógica eminentemente colonial, moderna, ser explorado.

Contudo, a ideia de romper com um modelo em que a exploração de recursos resulta na manutenção ou ampliação da separação entre grupos que se hierarquizam por suas múltiplas e distintas condições de raça, classe, gênero e língua resulta em questionar processos hegemônicos de valorização de grupos em relação a outros, menosprezados. Também conduz à ruptura com princípios de exploração e criação de demandas, inclusive turísticas e geradoras de recursos financeiros, que estabelecem o critério do exótico e pitoresco para lugares, pessoas, modos de viver e de se comunicar/expressar, cotidiana ou artisticamente, para deleite estético ou cultural de grupos de certo modo privilegiados por um aspecto ou outro de sua condição (geográfica, cultural, econômica, linguística etc).

Pensamos, portanto, em possibilidades outras, conforme a teorização descolonial preconiza, nas quais não há separação entre objeto e pesquisador, ou a distinção entre um gestor ou prestador/produzidor de serviços (turísticos) frente a um cliente consumidor. Antes, endossa a imbricação do ser-um-no-outro ou ser-um-com-o-outro: a experiência no próprio corpo que coloca o indivíduo no território do pertencimento que o faz compreender a si mesmo como parte do fenômeno, sua causa e consequência, parte de si e responsável por sua existência e desdobramentos. Entendendo a linguagem, a cultura, a literatura e as práticas de fruição, dentre as quais as turísticas, sob tal viés redimensiona os modos de apreciação e de valorização de modo mais ético e, conseqüentemente, menos hierarquizado, mais humano e democrático.

Empregando a metodologia de estudo bibliográfico e a apresentação de modelos como estudo de casos, a intenção é desenvolver reflexões como um ensaio crítico e lançar um olhar teórico sobre a experiência da própria língua e sua cultura derivada, inclusive literária, que forma o imaginário cultural e dissemina visões e sensibilidades dos lugares a partir do olhar estético, acercando a abordagem à consideração do linguajamento como conceituação a partir dos contatos linguísticos e seus desdobramentos. Neste respeito, o linguajamento é um conceito descolonial que não visa a negação dos conhecimentos

acumulados e os modos de organização da vida social e cultural dos grupos que habitam nosso estado de MS.

Porém, a partir da compreensão de que não se trata apenas de considerar línguas em contato e processos de transculturação, ou de contaminação (em seu aspecto positivo, retirado do contexto pejorativo que o termo pode cor) de uma língua/cultura, entender que temos opções outras de valorização de vidas, experiências e sensibilidades que, do ponto de vista de sua propagação e visibilização, adquire um potencial turístico, por um lado, mas de preservação e de constituição enquanto forma de acesso aos saberes e às sensibilidades de mundo.

Assim, embora o conhecimento racional também se faça presente, o corpo é inserido, ou seja, os corpos-linguagem de pessoas, gentes e povos (grupos) em sua relação com o espaço e a cultura, de modo a permitir que outras sensibilidades (ver, tocar, ouvir, sentir, intuir, imaginar, narrar e narrar-se) também sejam formas de produção e de acesso ao conhecimento e aos saberes. Desse modo, no viés pretendido para se pensar as produções culturais e linguística, desde o ponto de vista da relação com o turismo para o século XXI e o ideal de cidadania para as futuras gerações, é possível pensar nos modos como a linguagem cria todo um repertório de práticas turísticas como diferencial, promovendo mais do que a relação de compra/venda de produtos, mas conduzindo a experiências de vida e de respeito pela memória, história, cultura, paisagens reais e imaginadas, pelas vidas (humana, animal, vegetal, da própria terra), experiências e territórios.

Na perspectiva adotada, a noção/conceito de leitura é ponto fulcral para a relação linguagem/cultura e seu potencial tanto criativo e expressivo como para a promoção de práticas de sua valorização, incentivo, permanência/continuidade, divulgação e apreciação. É neste sentido que são inseridas as ideias possibilitadas pelas concepções de turismo literário, turismo linguístico e turismo cultural, que não se distancia, de fato, de turismo histórico, mas coloca menos relevância neste último aspecto em sua possível acepção mais próxima ao aspecto temporal de construção identitária local pelo viés da relação tempo linear/eventos e circunstâncias que definem o território em sua relevância para a vida cotidiana.

Como base teórica, considero que a ideia de linguajamento é definidora do direcionamento pretendido para minha reflexão. Para apresentar sua relevância dentro da

concepção de turismo via linguagem (literário, linguístico e cultural), devo referir ao modo como está relacionada, ou é derivada, do entendimento acerca da matriz colonial de poder e da opção descolonial. Segundo Walter Mignolo, crítico argentino que (re)lê Aníbal Quijano e sua definição de América como invenção moderna e responsável pela organização do mundo contemporâneo pela lógica da exploração de bens e da relação hierarquizada de um ‘eu’ frente aos ‘outros’, Europa e América (ou África ou Ásia), o termo “Colonialidade” evoca uma série de significados que não podem ser desconsiderados por sua relevância na compreensão das relações de poder, de saber, de ser e de gênero advindas de seus pressupostos. Equivale, portanto, a uma “matriz ou padrão colonial de poder”, os quais são

um complexo de relações que se esconde detrás da retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade) que justifica a violência da colonialidade. E descolonialidade é a resposta necessária tanto às falácias e ficções das promessas de progresso e desenvolvimento que a modernidade contempla, como à violência da colonialidade (Mignolo, 2017, p. 13).

Reconhecer tal lógica mas não aceitá-la como única possível conduz a uma prática que não desconsidera todo o conhecimento já acumulado e os modos de organização que regulam as sociedades. Porém, como afirma o crítico,

descolonialidade não consiste em um novo universal que se apresenta como o verdadeiro, superando todos os previamente existentes; trata-se antes de outra opção. Apresentando-se como uma opção, o decolonial abre um novo modo de pensar que se desvincula das cronologias construídas pelas novas epistemes ou paradigmas (moderno, pós-moderno, altermoderno, ciência newtoniana, teoria quântica, teoria da relatividade etc.) (Mignolo, 2017, p. 15)

Faz-se necessário destacar que a origem da descolonialidade foi o chamado Terceiro Mundo; assim, seu desenvolvimento e suas formas de aplicação acarretam um exercício político e ético. Do ponto de vista do turismo, como busco evocar, implica romper com o sentido de tirar proveito de um território, uma paisagem, dos recursos naturais e, conseqüentemente, dos recursos humanos, sociais, culturais, discursivos a eles relacionados. Reconhecemos tal potencialidade, mas não a alocamos no espaço do ‘outro’ muitas vezes assujeitado, considerado como pertencente ao domínio do exótico e passível de exploração para fins de lucro.

Afirma Mignolo que “o pensamento descolonial está hoje comprometido com a igualdade global e a justiça econômica, mesmo afirmando que a ideia de democracia e de socialismo, originadas na Europa, não são os únicos dois modelos com os quais orientar

nosso pensamento e nosso fazer” (2017, p. 15). Por isso, “os argumentos descoloniais promovem o comunal como outra opção junto ao capitalismo e ao comunismo “(Mignolo, 2017, p. 15). Entendemos que a promoção de práticas voltadas ao turismo devam ser, também, voltadas para o fazer comunal, um conjunto de ações que forneçam opções de trabalho e construção conjunta valorizando não o ganho, embora este não deva ser negligenciado, pois promove comunidades sustentáveis e autônomas, garantindo o bem-estar de todos, mas prezando principalmente por vidas, experiências, saberes e construções linguísticas e discursivas, ademais do próprio espaço/território/ambiente natural que precisam ser preservados para assegurar a continuidade para as futuras gerações.

METODOLOGIA

De modo geral, a metodologia adotada para a construção deste artigo considera a necessidade de, em primeiro lugar, definir bases teóricas (de cunho descolonial) para pensar duas frentes: a formação de futuros profissionais do turismo em sua relação com a área de Letras e os estudos de linguagens, com especial atenção para a literatura, e a verificação do potencial turístico local (no estado do Mato Grosso do Sul) para a constituição de práticas de gestão do turismo voltadas mais especificamente para as linguagens.

Um levantamento rápido acerca do tema nos coloca diante de iniciativas mais amplas verificadas na promoção de eventos, tais como a Flib - Feira literária de Bonito, cidade de ecoturismo e que em 2023 teve a sua sétima edição, e o Festival América do Sul, celebrado em Corumbá, cidade fronteiriça às margens do rio Paraguai, cujas margens delimitam o Brasil e a Bolívia. O Festival ocorre anualmente desde 2004 e se tornou um marco cultural, com música, literatura, artes em geral, gastronomia e encontros multilíngues e pluriculturais diversos. Porém, tal levantamento também demarca a ausência de expressividade do que consideramos neste artigo como turismo literário e suas possibilidades, embora em dimensões mais modestas e personalizadas.

É, portanto, a partir de uma falta local que outras experiências e ideias são aproximadas para apresentar um modelo de trabalho que se dispõe a ir além da prática pensada como negócio ou comércio, embora não descarte tal viés. Consideram-se, entretanto, possibilidades outras, conforme a teorização descolonial preconiza.

Através do levantamento bibliográfico, entende-se o papel da cultura dentro da visão geral acerca do turismo, bem como sua relação com aspectos sociais, históricos, políticos e éticos. Assim, os conceitos de turismo cultural, turismo linguístico e turismo literário se definem e se aproximam, e sua materialização pode ser vista, de algum modo, nos monumentos erigidos para ser tornar marcos locais e espaços de preservação da memória, contribuindo para a constituição de uma identidade local. Munidos de tais considerações, a opção descolonial coloca em perspectiva as relações estabelecidas entre pessoas, grupos e comunidades com seu potencial.

De modo prático, a proposta se centra em estabelecer a relação entre língua, linguagem, cultura e literatura com possibilidades de práticas turísticas. Como este trabalho ainda não foi, de fato, colocado em prática, mas se estrutura pelo primeiro viés de consideração de suas formas de organização e aplicação a partir de modelos prévios observados em outros espaços, sua descrição talvez não detalhe todos os elementos e desafios decorrentes. No entanto, cumpre definir um modelo básico.

Tal modelo contempla o levantamento de obras e autores literários, em prosa (narrativas) ou verso (poesia) que revelem ou representem aspectos relativos ao espaço, aos modos de vida, aos monumentos, às pessoas de um determinado local, como o Pantanal, a cidade e seu passado histórico ou suas narrativas que encantam e entretêm o povo local ou eventuais visitantes. De modo geral, também trata de um levantamento empírico e de um processo de leitura e de escuta, considerando um público específico que poderia ser levado a se interessar por um passeio conduzido pelas letras, ou seja, pela leitura de uma obra.

Como atividades iniciais, a proposta pode ser apresentada a escolas e a grupos de jovens ou idosos, adequando a apresentação a tais grupos. Caminhadas, trilhas, degustações podem ser elementos acrescentados, mas a intenção é refazer as peripécias, caminhadas ou visitas de determinada personagem, conhecer a ambientação de certa obra, refazer os passos de uma trajetória ou ter a experiência de se sentir no mesmo ambiente de uma cena ou verso (ou conjunto de cenas e versos), como vivência pessoal de fruição.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inserimos, nesta perspectiva, as ideias possibilitadas pelas concepções de turismo literário, turismo linguístico e turismo cultural. Como mencionado anteriormente, também se inclui a noção de turismo histórico, embora a relevância no aspecto histórico, social e patrimonial de resguardo de uma memória como construção identitária local permaneça e seja relevante.

Em princípio, a fruição literária ganha outras formas de vivência através de sensibilidades do próprio corpo. Para um grupo conduzido a certos espaços e certas experiências por meio de seus interesses de leitura, a relevância de projetos semelhantes instiga tanto a formação de leitor como a experiência turística.

Com base na teorização descolonial, o fim ansiado não é a visão de um negócio, embora tal aspecto não seja descartado e seja legítimo, pois é a oferta de um serviço de qualidade para possíveis clientes, com os bônus que a experiência pode propiciar. Considerar tal aspecto e tal referencial teórico na formação de profissionais do turismo os conduz a um posicionamento crítico abrangente para uma prática comprometida com as habilidades, competências e responsabilidades exigidas para o cidadão do século XXI, independentemente de seu país ou região. Trata-se de evitar práticas que se tornam abusivas como aquelas em que, mesmo que a comunidade local seja também contemplada, são pensadas para ganhos de uns poucos grupos privilegiados em detrimento de comunidades inteiras exploradas. Propostas assim não podem ser vistas como objetivo maior para profissionais do turismo.

O compromisso ético deve nos fazer olhar para o turismo literário como opção de vida que preza por vidas e não apenas visa lucro ou negócio, uma vez que, mesmo que grandes empreendimentos turísticos também beneficiem comunidades, em geral são benefícios bem menores do que aqueles que apadrinham a ideia e fornecem os modos de gerar os dividendos recebem, como a exploração norte-americana nos resorts de Cancún e nos territórios maias do México demonstra. O cidadão local comum pouco usufrui de um modo de exploração turística pensado para o estrangeiro ou endinheirado. Neste caso específico, o capital estrangeiro se utiliza do território e da mão-de-obra local, gerando empregos e renda, é verdade, mas são para o usufruto daqueles que podem pagar pelo privilégio, segundo a cotação em dólar americano.

O que se espera alcançar com esta proposta é, enquanto alunos em formação no curso de Turismo, que esses futuros profissionais percebam o potencial da linguagem e

tanto se formem, pelo até certa medida, como leitores literários, conhecendo e valorizando a cultura e a literatura local, como a divulguem e explorem – de modo positivo – um viés turístico que redimensione um circuito artístico que pode ampliar seu público e seu potencial.

IMPLICAÇÕES PRÁTICAS E/OU TEÓRICAS

Considerando o potencial turístico de Mato Grosso do Sul, com a região do Pantanal, as fronteiras e suas relações culturais e linguísticas, a existência de povos originários, a cultura desenvolvida a partir das práticas do agro e do cerrado, o ecoturismo em suas variadas formas, como as que ocorrem nas regiões de Bonito, Bodoquena e Jardim, por exemplo, e o turismo de pesca em Aquidauana, Coxim ou Corumbá, entre outros, o imaginário pode ser também alimentado e promovido por meio das letras e das linguagens. Portanto, parte essencial de minha reflexão é colocar em foco o linguajamento, segundo o entendimento pelo viés descolonial que é, antes de tudo, um translinguajamento, uma ausência deliberada - e necessária - de hierarquização e desvalorização de línguas em todo o território, reconhecendo seus múltiplos aspectos, usos, contatos, processos.

Um dos modos mais evidentes de uso da língua e da linguagem é a literatura, embora outras artes feitas com a palavra também as coloquem em foco, como a música. Sem dúvida, do ponto de vista da gestão de práticas referentes ao turismo, um circuito musical pode ser viável, e encantador. Porém, o foco que busco tratar é igualmente sedutor, se constituída uma forma de apresentação que atinja o público interessado ou desperte o interesse em potenciais simpatizantes inclinados à experiência. É nesse sentido que encaminho a proposta de reflexão sobre as potencialidades de um turismo linguístico e cultural propiciado pela apreciação literária.

Não se trata de uma proposta única ou original. Em princípio, vale destacar que há muito tempo certos relatos encantam leitores diversos e os movem a viagens e façanhas. Por exemplo, dentro da tradição dos estudos sobre a literatura hispano-americana, estudiosos destacam que Cristóvão Colombo, ávido leitor das Viagens de Marco Polo, um mercador dos séculos XIII e XIV (1254-1324), fez registros em seus diários que indicam o quanto teria ficado impressionado com o que leu. De fato, mesmo alguns copistas da obra do veneziano indicavam que os relatos eram difíceis de acreditar, indicando a mescla entre

realidade e ficção que caracterizam o registro das memórias de viagens de Marco Polo. Um leitor influenciado e influenciável, munidos dos recursos e das circunstâncias propícias para a empreitada, poderia seguir as indicações de sua leitura para realizar uma viagem de reconhecimento, buscando a experiência lida.

Outra forma de transformar a linguagem em turismo literário se nota no impulso de conhecer os lugares ‘lidos’ em certas obras. Se a Verona de *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, recebe turistas que querem caminhar pelos espaços relatados na tragédia, outras cidades se tornam roteiro para leitores de prosa e poesia que exaltam as cidades, de seus jardins, praças, palácios e bairros nobres aos becos escuros de periferias descritas com maior ou menor grau de aproximação com a realidade. Em conformidade, considero avaliar as possibilidades e potencialidades de um turismo literário assim compreendido, tanto com como sem a real travessia e perambulações pelos espaços, tendo por base o levantamento dos territórios literais, simbólicos e epistêmicos presentes em obras literárias que exaltam os espaços sul-mato-grossenses do Pantanal e das fronteiras, das linguagens e dos povos que aqui vivem.

Da poesia do Manoel de Barros ao *portunhol salvaje* de Douglas Diegues, passando pela narrativa que recorre e percorre os relatos orais e a ancestralidade guató da escritora Gleiciely Nonato, a proposta primeira aproximação feita repousa no relato de vivência e experiência feito através de trilhas pelas veredas da Chapada Gaúcha em Minas Gerais, palco da narrativa e das andanças de Riobaldo em *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. O potencial turístico do trajeto atrai amantes de caminhadas e percursos, mas também leitores que esperam recuperar, no próprio corpo e nas próprias sensibilidades, a apreciação estética da paisagem e da leitura (declamação) literária do jagunço Riobaldo ao longo das páginas da obra mestra da literatura brasileira.

Como atividade proposta para a aproximação entre os cursos de Letras e Turismo dentro de uma universidade federal, pública, as implicações deste trabalho afetam diretamente a formação profissional e a formação pessoal e cidadã, promovendo diálogos possíveis e contribuindo para uma geração de empreendedores que atuem em suas comunidades, valorizando vidas, modos de uso da linguagem e da própria literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que há possibilidades e potencialidades para práticas e/ou atividades voltadas ao turismo pelo viés da linguagem, ou seja, nas relações estabelecidas entre arte, cultura, memória, identidade e políticas linguísticas, primando pelas implicações éticas e políticas que a atuação profissional exige neste século XXI. A prática do turismo, tanto em sua promoção como em seu pleno usufruto, precisa ser responsável, sustentável e comprometida com a vida, com o espaço, com a memória, a identidade e a dignidade.

Portanto, consideramos conceitos possíveis para turismo linguístico via literatura, a partir de proposição da reflexão sobre os modos de alinhar textos literários e atividades de turismo. Embora não se trate de uma proposta já aplicada na prática no curso de Turismo na UFMS, o objetivo deste artigo era colocar em perspectiva a organização de trabalhos, alicerçados no âmbito geral da cultura, do patrimônio cultural e da memória e história como metas para os alunos. Desenvolver a reflexão por meio deste artigo significa colocar em discussão sua viabilidade para gerar outras reflexões e alinhar modelos de ação.

Por meio do levantamento de conceitos e sua exemplificação como monumento material e imaterial, ou seja, o livro como objeto e os sentidos gerados como significações coletivas, metafóricas e simbólicas, também adentramos o espaço do turismo pautado na apreciação da memória cultural significativa para a consolidação de uma experiência que contribuirá para a formação humana dos participantes.

Desse modo, a metodologia utilizada buscou contemplar a pesquisa bibliográfica e a apresentação de uma proposta específica porque se baseia na linguagem e no conhecimento literário. Sua execução é possível e plausível, e pode gerar repercussões significativas. Unir turismo e cultura linguística como vivências possíveis promove o encontro pacífico e profícuo entre comunidades e modos de vida/saberes, valorizando conhecimentos diversos e sensibilidades de mundo.

Vale destacar que o marco teórico foi estabelecido e a partir do viés do linguajamento, termo derivado da teorização descolonial que não hierarquiza modos de vida, mas os contempla e valoriza como formas de resistência e re-existência, ou seja, preserva formas de acesso ao conhecimento, o repertório cultural de grupos e espaços que se levantam contra a massificação de modos de vida. Valorizar os aspectos mais locais, dando visibilidade ao registro poético, provoca o impulsionamento da leitura literária, algo importante para a ampliando da formação de leitores, mas também alavanca formas de

promoção de um turismo mais relevante do ponto de vista da aprendizagem e da formação humana.

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG; Humanitas, 2006.

BARRETTO, Margarita. 1998. Manual de iniciação ao estudo do turismo. 4.ed. Campinas: Papirus.

_____. 2001. Turismo e Identidade Local: Uma Visão Antropológica. Campinas, SP: Papirus.

LIMA, Carlos. 2003. Turismo Cultural: que formação? In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; GASTAL, Susana (orgs). Turismo na Pós-modernidade, (des)inquietações. Porto Alegre: EDIPUCRS. p.61-68.

MIGNOLO, Walter. Histórias locais, projetos globais: colonialidade, saberes subalternos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. 13. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1979.